

Santos, 26 de agosto de 1949.

(kvutzot Mifalim - shichva tsofe)

Prezados Chaverim:

Alê

Sobre a reunião, pouco terei que escrever, pois nos a terminamos às 9,00 horas, porque tínhamos um oneg-shabat, ao qual compareceram os madrichim que ~~fóraxxxxx~~ voltaram de Eretz Israel e mais alguns chaverim da Hachshara.

Não houve sichá, somente brincamos, dançamos e cantamos.

Subimos para a festa que iria se realizar, sentamos por kvutzot e não tardou que se iniciasse o oneg-shabat. Abriu a sessão o chaver Berel, dando a palavra à chaverá Ira que nos leu um capítulo da Bíblia. Em seguida falou o sr. Rosenkrantz, cujo tema nem de leve me agradou.

Eu vos pergunto: Que direito tinha ele de atacar tão diretamente a "Casa do Povo?". Disse ele que estávamos precisando de uma escola onde ensinassem o idish e o hebraico; não há acaso esta escola? Quem foi que disse que não há lugar para a juventude? Se alguém o fez, eu o nego, pois eu própria, curo à noite três vezes por semana a xidische shul, e as portas estão abertas para todos aqueles que nela quiserem entrar. Quem foi que disse que lá não se ensina o hebraico? Há um dia especial para "ele" e para a "idische geshichte". Afinal, que capricho é este dos srs. Sionistas? Ensinar Sionismo numa escola? Não há o Dror para este fim? Que é que se faz numa verdadeira escola a não ser estudar a língua e a história do povo, sem introduzir política alguma? Por acaso já não estamos numa associação política? Porque é que até a presente data ninguém tinha cueixas contra a conhecida escola? Acaso os filhos dos srs. criticantes não cursaram ou não cursam todos ou quasi todos a "Idische Shul" I. L. Peretz? Não estavam os pais de todos contentes? Que diabo de ideia é esta afinal, de se formar uma nova shul? Para mais desunir nossa colônia? Já não basta que os adultos estejam separados, precisa-se também desunir a juventude?

Oh! como é tristonha a vida nesta cidade! Tenho entretanto, esperanças de que tudo volte a ser como dantes, com festas alegrias, entendimentos, tanto políticos como culturais. Nossa "escolinha" na "Casa do Povo", por menor que seja, por menor que fique, jamais fracassará; talvez haja uma ~~outra~~ outra escola contrária, não o nego, talvez mais forte (por possuir mais alunos), mas ~~ninguém~~ ninguém poderá duvidar, será o maior feio feito pelos srs. da Unificada, pois com isto, concorrerão para cada vez mais e mais, desunir, nossa tão pequena colônia judia.

Em seguida tomou novamente a palavra o chaver Berel, que criticou a modo ~~de~~ o sr. Rosenkrantz. Falou depois o sr. Starkm mas não sei o que ele disse, pois não estava prestando atenção às suas palavras. Em seguida falou-nos o chaver Fishl sobre a recente viagem realizada pelos madrichim a Eretz Israel e contou-nos alguns capítulos da guerra que lá se passou, com os árabes. Em seguida ~~havia~~ foram servidos comens e bebês, cantamos, houve números especiais de cantos e descemos para dançar horas; assim terminou o oneg-shabat.

Peço desculpas por estar criticando no yoman, mas é que não pude aguentar por mais tempo e precisei desabafar o que sentia. Peço apenas que não haja discussões sobre o que escrevi e que tudo esqueçamos até a hora de "termos" que discutir.

Казимир Термино com um sincero e cordial Alê Veagshem,

da Elza.

Santos, 3 de setembro de 1949.

Caros chaverim:

A reunião iniciou-se um pouco depois das 20,00 horas devidos termos que comprar a bolinha de ping-pong. Iniciou-se a sichá dada pelo nosso Ozer Jacob que continuou a nossa viagem para Eretz Israel; chegamos ~~maxxxxx~~ a Chipre, falou-nos sobre sua importância na guerra como grande base bélica e naval. Já estava um dos maiores e mais modernos hospitais do Oriente Médio; também foi um grande centro de pesquisas. Mas como os frequentes bombardeios sofridos pela ilha ficou parcialmente destruído, ~~xxxxxxx~~ pouco ficando de suas grandes realizações. No caso dos judeus Chipre teve um papel trágico, pois aí ficavam presos todos os imigrantes "ilegais" que eram apanhados pelos ingleses. Cantou-nos também o chaver Jacob o caso de um jovem judeu que atirou os soldados ingleses do tombadilho quando estes tentavam levá-lo a Chipre, e só foi dominado a cacetadas. Não havendo nada mais de interessante sobre Chipre a contar passamos à leitura do ioman feito pela chaverá Elza e que merecia críticas imediatas mas como não me foi permitido fazê-lo na reunião venho criticá-la por meio do ioman.

Em primeiro lugar a chaverá não devia abondar a situação da colônia entre os maiores, para não criar discussões entre os menores. 32

Respondendo à serie de perguntas que ela fez digo que o sr. Rosenkrentz tinha o direito de criticar a chamada "casa do povo" digo chamada porque esta instituição não abrange o sionismo e não o abrangendo não abrange a totalidade do povo, devendo portanto ser chamada "casa cultural".

Ela tinha o direito de criticar porque os senhores da "casa cultural" também o fazem para com os sionistas e especialmente o "Dror", dizendo que esta grande organização estraga seus filhos e os conduz ao mau caminho.

Uma escola é o símbolo do povo e sem o patriotismo não há a instrução, pois uma escola deve ensinar as crianças a amar seu povo e sua terra, e isto é o que faz o sionismo. Que capricho é este dos senhores roite e bundistas? Todos os elementos da colônia frequentam o "Dror"? O sionismo é política ou um ideal que todos os judeus devem ter? O "Dror" é partido?

A estas perguntas eu gostaria que a chaverá Elza respondesse.

Nós sionistas não cursamos a escola existente pelo fato de seu ambiente ser anti-sionista.

Pergunto à chaverá porque faz tanto descaso dos sionistas, chegando a chamá-los irônicamente de "Srs. Sionistas"; ela também não o é, por acaso? Deve ser pois está no "Dror".

Porque vem a chaverá criar discórdias em nossa kvutzá e fazer propaganda de sua escolinha em nosso ioman?

Espero ter cumprido meu dever defendendo meu ideal; espero que eu seja o último a escrever sobre este desagradável assunto começado pela chaverá Elza.

Depois de lido o ioman fizemos várias brincadeiras, do restaurante, de imitar pessoas, etc. Jogamos ping-pong até às 10 horas quando foi encerrada a reunião.

Espero que esta ioman não cause desatinos e peço principalmente à chaverá Elza que não se manifeste mais sobre o assunto.

Encerro com um cordial shalom.

Alé do Chaver

Jacob Reitman.

## 8) Viagem na nossa Imaginação.

Em nossa viagem a Eretz Israel o que mais me impressionou foram duas partes: 1ª) A primeira que me chamou a atenção foi a belíssima França. Quando pegamos o trem para ir até Paris e lá ver um museu. Enquanto viver não esquecerá as maravilhas que lá vi. Os chaverim quasi gritaram de emoção ao verem o colar de Maria Antonieta e a agulhotina de Luiz XV. O que lembrarei para o resto da vida é a magnífica torre de Eifel. Nós parecíamos tão pequenínhos, tão pequenínhos diante daquele "monstro de ferro" que parecia não ter mais fim... As nuvens em volta formavam uma vasta cabeleira branca. E que dizer do Arco de Triunfo?... Nem posso exprimir em palavras. Ao olhar para ele, parecia que viamos desfilar heróis que por ali passaram, Joana D'Arc, a grande heroína francesa passando com vestes de guerreira, esta mulher que se tornou santa. Napoleão Bonaparte também por ali passava. Como outrora, nos dias gloriosos de seu império, parecíamos ouvir a sinfonia dos tambores, que ruíam, os sons agudos dos clarins e fanfarras, o marchar compassado de numeroso exército a frente do qual Napoleão com seu cavalo branco de arreios de prata e seus botões de ouro espessos aos raios do sol a brilhar como diamantes e seus generais com suas vistosas fardas.

Tudo isto nossa imaginação parecia ver sob o "Arco de Triunfo". E foi sem duvida uma das mais belas coisas que vimos antes de chegarmos a Eretz Israel.

Mas todas as emoções foram superadas pelo que senti quando cheguei a Eretz Israel.

O navio, apitando contente por ter chegado e dentro dele, a alegria, os gritos, o barulho imenso, todos parecendo transbordar de felicidade. Nós cantavamos e choravamos. A nossa terra! Viva! Eu não cabia em mim de contentamento. Eu era pequeninho para tanta e tanta alegria. Haifa nos abria os braços e Eretz recebia seus filhos. O navio atracava, as canções hebraicas misturavam-se com o barulho dos gigantescos guindastes e motores. Verdadeira multidão viera abraçar-nos. Por toda parte ouvia-se shalom e nós choravamos de contentamento. Lembro-me que ao descer a primeira coisa que fizemos foi beijar o solo querido e dizer: "Finalmente chegamos à nossa casa". Era verdade; já não eramos como nas outras partes olhados com curiosidade ou com desprezo por sermos estrangeiros. Eramos filhos de Israel que regressavam à terra de Israel. Sentimos alegria e desejo de viver para sempre nesta terra. E quando pensavamos que a viagem ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ era somente imaginária ansiávamos pela hora em que pudesse tornar-se verdadeira.

Luiz Fishberg  
Kvutzá Mefalsim - Shichvá Tzofé.